

# “120 Dias Separados”: A história do 2º Tenente Joaquim Martins Pereira a bordo da Divisão Naval em Operações de Guerra<sup>1\*</sup>

*“120 jours separees”: l’histoire Du 2e Tenente Joaquim Martins Pereira, à bord de la Division Navale en Operations de Guerre*

**Jéssica de Freitas e Gonzaga da Silva**

Bolsista da Fundação Casa de Rui Barbosa. Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais pela Fundação Getúlio Vargas. Mestre em Estudos Marítimos pela Escola de Guerra Naval. Graduação em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

## RESUMO

O artigo almeja um estudo de caso sobre a Divisão Naval em Operação de Guerra da Marinha do Brasil (DNOG), em 1918, durante a 1ª Guerra Mundial, a partir da análise documental sobre as cartas escritas pelo 2º Tenente Joaquim Martins Pereira, a bordo do navio-tender *Belmonte* para sua cônjuge Maria do Carmo Pastori Pereira. Sob o ponto de vista de sua narrativa, pretendemos contribuir com subsídios para interpretar a guerra como um fenômeno social capaz de modificar a vida dos homens.

**PALAVRAS-CHAVE:** Primeira Guerra Mundial; navio *Belmonte*; Divisão Naval em Operação de Guerra

## RÉSUMÉ

*L’article a comme but une étude d’un cas à sur la Divisào Naval en Operçao de Guerre (DNOG) de la Marine Du Brésil, en 1918, pendant la première Guerre Mondial, à partir de l’analyse documentaire sur les lettres écrites par le 2e Tenente Joaquim Martins Pereira, à bord du navire-tender Belmonte pour son épouse Maria do Carmo Pastori Pereira. Selon sa narrative, nous souhaitons contribuer à travers des informations afin d’interpréter la guerre comme un phénomène social capable de modifier la vie des hommes.*

**LE MOTS CLÉS:** Première Guerre Mondiale; navire *Belmonte*; Divisão Naval en opération de guerre

## INTRODUÇÃO

A guerra é um fenômeno social. Não devemos minimizá-la apenas a um conflito armado. Pelo contrário, é um objeto complexo. Um fenômeno coletivo promovido através da violência organizada sob aparato legal contra um inimigo ativo a fim atender aos interesses de grupos políticos. O conceito é definido por Gaston Bouthoul no “Tratado de Polemologia”<sup>1</sup> como: “*una forma de violencia que tiene como característica ser metódica y organizada en cuanto a los grupos que la hacen y a las maneras com que la conducen*” (BOUTHOU, 1984, p. 10).

---

<sup>1</sup>Artigo recebido em 4 de outubro de 2019 e aprovado para publicação em 30 de novembro de 2020. Navigator: subsídios para a história marítima do Brasil. Rio de Janeiro, V. 17, nº 33, p. 127-140 – 2021.

Ao longo do tempo, não houve sociedade que não tenha escrito nas páginas de sua história a experiência com a guerra. Cada organização apresenta sua especificidade no âmbito da mentalidade, tecnologia, política, cultura, economia e demografia, influenciando nos seus próprios métodos de combate (BOUTHOU, 1984, p. 87). Ao mesmo tempo, esse fenômeno interfere através de uma “imitação coletiva por direitos bélicos” (BOUTHOU, 1984, p. 64), ruptura de isolamentos dos povos, influência na moda e difusão de elementos técnicos que provocam transformações sociais.

Na obra “A Guerra: Ensaio Histórico”, o autor André Corvisier disserta sobre os impactos da guerra na sociedade, estabelecendo três questões: “I – a sociedade como inspiradora de formas de guerra; II – a guerra como agente de transformações sociais e III- a guerra como princípio de organização social” (CORVISIER, 1999, p. 234). A organização social é elemento condicionante para composição do exército e a condução do conflito armado no aspecto tático e estratégico.

A guerra é um agente transformador das estruturas sociais<sup>2</sup>. Além da mortalidade, gera consequências na pirâmide etária, na distribuição de riquezas e nas mudanças morais da sociedade (CORVISIER, 1999, p. 234):

Nada envolve tanto os seres humanos, de maneira tão íntima e completa, quanto a guerra e seus acontecimentos, com a dívida suprema que ela cobra: a morte, a dor, as feridas e sofrimentos, a mobilização de todos os recursos, destruição de todas as espécies de bens (...), sem conceder nenhuma distinção entre civis e combatentes, entre jovens e velhos, entre homens e mulheres, entre crianças e doentes (BONANATE, 2001, pp. 23-24).

O elevado índice de mortalidade ocorre não só de forma direta, ou seja, no teatro de operações através da prática de terra arrasada, bombardeio ou devastações preventivas, mas também, de forma indireta, acarretado por epidemias e fome. No nível do indivíduo, a guerra afeta os combatentes e a sociedade civil. Atrás do soldado fardado, existe o homem, o cidadão, o trabalhador, o pai, o marido e a sua morte atinge sua família. A ausência da figura paterna pode causar a desestrutura familiar, afetando, inclusive, a renda financeira.

Por outro lado, a guerra também modifica o destino dos sobreviventes. Por exemplo, a ascensão social através da promoção na carreira militar e poder econômico de outros setores; redistribuição de riqueza; retirada de atores do poder; domínio de uma sociedade por outra, a partir da expansão da economia, política, religião e cultura conforme ocorreu nas guerras destinadas às conquistas.

Considerando a guerra um fenômeno complexo e sua intrínseca relação com as estruturas sociais, a escrita da história militar, a partir de 1970, ganhou transformações, rompendo antigos paradigmas baseado nas narrativas das batalhas e atos heroicos de líderes políticos e militares, característica da historiografia do século XIX. A nova história militar, obedecendo aos princípios teóricos e metodológicos, surgiu com novas competências, sobretudo, adequando-se à história-problema.

O intercâmbio com a história social e a antropologia contribuiu para novas abordagens e objetos, modificando o estudo da guerra (LOUREIRO, 2010, pp. 94-95) e a compreensão das instituições e fenômenos militares inseridos na dinâmica das sociedades (PARENTE, 2009, p. 9). A história militar assumiu nova característica: a interdisciplinaridade. Através do diálogo com outros campos do conheci-

mento, sobretudo, com a teoria social, a análise sobre a guerra ganhou novos significados, relacionada à economia, sociologia, psicologia, filosofia e etc (SOARES; VAINFAS, 2012, pp. 113-114). Enquanto os pesquisadores reconhecem a guerra relacionada às estruturas sociais, é importante inserir os conceitos empregados na ciência da guerra na investigação histórica, respeitando seu tempo e espaço (PARENTE, 2009, p. 13).

Por fim, a nova história militar sofreu uma “antropologização” dos temas: análise da relação entre guerra e sociedade. Através do arcabouço teórico e metodológico da teoria social é possível promover pesquisas sobre as instituições militares, destacando recrutamento, gênero, mentalidade militar, memória militar e memória nacional, história das ideias e o desenvolvimento tecnológico e a experiência individual, revelando seus sentimentos para alcançar sua vitória ou apenas sua sobrevivência. Ou seja: “buscar o rosto da batalha passou a ser um dos propósitos da disciplina, em vez de narrá-la pelo alto” (SOARES; VAINFAS, 2012, p. 121).

A Primeira Guerra Mundial “alterou o *modus faciendi*” da guerra (RODRIGUES, 2012, p. 105). O elevado índice de mobilização de contingente civil e militar no mundo inteiro justificou a tragédia provocada pela mortandade. O desenvolvimento tecnológico não só no âmbito bélico, mas também, na comunicação divulgou as atrocidades exercidas pelo próprio homem. A guerra provocou consequências política, econômica, militar, social e ideológica.

O objetivo do presente trabalho é apresentar o impacto da guerra sobre a sociedade, a partir do estudo de caso sobre a participação da Marinha do Brasil no conflito, em especial, a trajetória do 2º Tenente da Divisão Naval em Operações de Guerra (DNOG) a bordo do tender *Belmonte*, Joaquim Martins Pereira.

As correspondências de Martins Pereira a sua cônjuge Maria do Carmo Pastori são fontes, indícios e pistas que analisadas a partir de uma interpretação crítica, um paradigma investigativo, auxiliam o pesquisador na construção do conhecimento sobre o passado dos sujeitos históricos (GINZBURG, 2011). As cartas apresentam um testemunho inédito não só sobre a participação da Marinha do Brasil na 1ª Guerra Mundial, mas também sobre a relação entre um homem e uma mulher e a transformação das suas vidas pela guerra. É importante refletir: “são os homens que a história quer capturar” (BLOCH, 2001, p. 54).

### **A 1ª GUERRA MUNDIAL (1914-1918) E A PARTICIPAÇÃO DA MARINHA DO BRASIL (1918)**

No início do século XX, a Europa apresentava um desequilíbrio de poder<sup>3</sup>. A busca pela manutenção do *status quo*, sem recorrer à guerra, conduziu os países à formação de alianças políticas e militares: a Tríplice Entente composta pela Grã-Bretanha, França e Rússia e a Tríplice Aliança constituída pela Alemanha, Império Austro-Húngaro e Itália. No entanto, o acirramento das tensões diplomáticas ocasionadas por crises políticas (1905 e 1914) no Marrocos, Bósnia e Sérvia e o assassinato do Arquiduque Francisco Ferdinando (1889-1914) foram controvérsias que a diplomacia não conseguiu solucionar, pois eram tangentes à disputa de poder entre os Estados europeus<sup>4</sup>. Em 4 de agosto de 1914, a Grã-Bretanha declarou guerra à Alemanha. Na introdução da obra “A Era dos Impérios”, Eric Hobsbawm afirma: “agosto de 1914 é uma das ‘rupturas naturais’ mais inegáveis da história” (HOBSBAWM, 1988, p. 19). Eclodia o maior conflito armado europeu até então.

O Oceano Atlântico, sobretudo, o mar do Norte foi palco do teatro de operações

da guerra naval na fase inicial. Para os ingleses, esse espaço era estratégico para proteção das suas linhas de comunicação responsáveis pelo comércio e abastecimento com os portos franceses, belgas, holandeses e os países escandinavos, ramificando, inclusive, para os portos norte-americanos e do Caribe; da costa ocidental africana e dos portos brasileiros e argentinos (ALMEIDA, 2013, p. 347). Portanto, combater a presença e impedir o controle alemão sobre essas águas era vital para sua sobrevivência nos combates<sup>5</sup>. Em 1º de fevereiro a Alemanha declarou a guerra submarina ilimitada contra a Inglaterra no mar Mediterrâneo, no mar do Norte e no Oceano Atlântico, próximo da costa dos EUA e da África. Para estrangular o comércio e o abastecimento de armamentos para Grã-Bretanha, os navios mercantes eram torpedeados. Após diversos navios afundados no Atlântico, os Estados Unidos da América, em 6 de abril de 1917, declararam guerra à Alemanha. Nesse momento, os navios mercantes brasileiros também sofreram baixas, torpedeados por submarinos alemães.

Ao início da Grande Guerra, o Estado brasileiro optou pela neutralidade. Após a declaração da guerra submarina ilimitada pela Alemanha, iniciou uma crise diplomática com Berlim devido aos torpedeamentos dos navios brasileiros: *Paraná; Lapa; Tijucas; Acary; Guayba; Taquary*<sup>6</sup>. Em 26 de outubro de 1917, o Brasil declarou guerra à Alemanha. A participação brasileira no conflito foi planejada a partir das seguintes contribuições: envio da Missão Médica para integrar a equipe francesa; envio do grupo de aviação naval para treinamento na França e a Divisão Naval sob comando da Marinha Real Britânica para atuar no policiamento do Oceano Atlântico entre o estreito de Gibraltar e Serra Leoa, na costa africana (ALMEIDA, 2013, p. 363).

A Divisão Naval em Operações de Guerra (DNOG) foi criada pelo Ministro da Marinha, Alexandrino Faria de Alencar composta pelos cruzadores *Bahia* e *Rio Grande do Sul*, os contratorpedeiros *Piauí, Rio Grande do Norte, Paraíba e Santa Catarina*, tender *Belmonte* e o rebocador *Laurindo Pita* sob comando do Contra-Almirante Pedro Max Fernando de Froтин.

É importante ressaltar que a Marinha do Brasil enfrentou problemas estruturais para conseguir cumprir a missão atribuída à DNOG. Em primeiro lugar, a falta de contingente militar e mão de obra qualificada para realização da manutenção dos navios e, inclusive, para compreensão das inovações tecnológicas e táticas de guerra de superfície e antissubmarino desenvolvidas na fase inicial da Grande Guerra. Além disso, o país não dispunha de apoio logístico, importando peças e armamentos para esquadra. De acordo com Francisco Alves de Almeida: “Os marinheiros deveriam se virar com aquilo que a nação podia fornecer, afinal seriam eles os grandes sofredores nesse estado de coisas” (ALMEIDA, 2013, p. 364). Mas, quem foram esses homens que foram cumprir seu dever cívico? Não podemos apresentar todos os indivíduos, mas, apresentamos um dos personagens que viveu essa aventura.

## **2º TENENTE JOAQUIM MARTINS PEREIRA**

Joaquim Martins Pereira (1886-1918) nasceu no Pará e formou-se engenheiro. Casou-se com Maria do Carmo Pastori (1895-1987?), em 1910, no Rio Grande do Sul. Ingressou na Marinha do Brasil, em 22 de junho de 1908, nomeado como subjuante maquinista extranumerário<sup>7</sup>. Desde o início do século, devido aos programas navais para modernização da esquadra, a Marinha de Guerra contratava civis com qualificação especializada para integrar o corpo da Armada.

Em agosto de 1910, Joaquim Martins Pereira chegou ao Rio de Janeiro. O Senador Arthur Lemos (1871-1945) apresentou seu projeto sobre uma máquina capaz de promover a estabilidade do ar nos submarinos ao Ministro da Marinha Alexandrino Alencar de Faria que, por sua vez, o alocou a bordo do encouraçado *Deodoro* no Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro para prosseguir com sua pesquisa (IHGB, DL 01, 01).

Durante sua carreira na Marinha de Guerra, desenvolvendo seu projeto, serviu no encouraçado *Deodoro*, participando de treinamentos militares na Ilha Grande (1910); rebocador *Albatroz* (1910) no Rio de Janeiro; vapor *Rio Pardo* a serviço da Capitania dos Portos do Rio Grande do Sul (1913), no Batalhão Naval e no Comando de Defesa Móvel no Arsenal do Rio de Janeiro (1914).

Em 1918, regressou ao Rio de Janeiro. Foi ordenado pelo Chefe do Estado-Maior da Armada, Estevão Adelino Martins para servir a bordo do submarino cuja base era o tender *Ceará*, navio que possuía a popa aberta para entrada de um submarino, em sua doca, para limpeza e reparação (GAMA, 1982, p. 41), a fim de prosseguir com sua pesquisa e obteve a promoção a 2º Tenente:

Hoje apresentei-me e depois de ser ouvido pelo Chefe do Estado Maior o que muito me agradou, fui mandado embarcar nos submarinos (parece que a coisa pegou) ... cuja base é o Tender *Ceará*. Vou tirar patente de invenção a conselho do velho que me disse que tomava agora a peito a minha questão do aparelho (IHGB, DL 01, 11).

O Vice-Almirante autorizou a fabricação da máquina criada por Joaquim Martins Pereira na Inglaterra e o convidou para ingressar a bordo do tender *Belmonte*, navio pertencente à DNOG que segui-

ria para Europa, conforme explicou na carta para sua cónjuge Maria do Carmo Pastori Pereira:

Tendo o Almirante Adelino Martins me felicitado tudo com relação ao meu aparelho, resolvi fazê-lo em uma fábrica na Europa. Fui a ele e contei-lhe mais este meu desejo: ele depois de pensar um pouco deu-me toda razão e resolveu que eu seguisse para Europa no primeiro vapor. Nesta ocasião eu estava no tender *Ceará*, e como tivesse de ir para lá o cruzador Auxiliar Belmonte que é o tender da divisão que vai operar na guerra ele mandou-me nele embarcar, onde então estou agora. É um navio alemão, muito grande e muito bom, os camarotes nossos são verdadeiros salões. Vou ter uma excelente viagem (IHGB, DL 01, 17).

É importante ressaltar que o embarque de Joaquim Martins Pereira a bordo do *Belmonte* era interessante devido à ausência de militares, principalmente, qualificados para preparação da DNOG. Os maquinistas eram fundamentais para a manutenção da esquadra<sup>8</sup>. Inclusive, a aquisição do *Belmonte* estava relacionada às dificuldades logísticas. A necessidade de um navio tender para reparos justificou sua transformação de um navio mercante semi-sabotado<sup>9</sup> em vaso de guerra. Após aceitar o convite, o jovem tenente ingressou à Divisão de Operações em Guerra e sua decisão mudou o seu destino para sempre.

## **TRAVESSIA DO RIO DE JANEIRO A DAKAR**

O primeiro desafio enfrentado por Joaquim Martins Pereira foi conseguir o consentimento de sua companheira. Ao saber do embarque ao navio que seguiria para o teatro de operações, o temor abalou Maria do Carmo que colocou-se contrária à viagem. Em toda a correspon-

dência verificamos a preocupação em justificar a importância da viagem para sua carreira e para o futuro de sua família, insistindo, inclusive, na segurança da travessia. Cabe aqui alertar para um exercício metodológico realizado ao longo da pesquisa. Devido ao caráter passional das correspondências, visto que trata-se de cartas de amor de um marido, a bordo de um navio no Rio de Janeiro, que iria atuar no teatro de operações a sua cômputo, que ficou no Rio Grande do Sul, criando seus filhos, verificamos que fatos relativos às ameaças sofridas durante a viagem foram subtraídos, ressaltando apenas o cotidiano a bordo. Portanto, buscamos cotejar essas correspondências com outros testemunhos e fontes oficiais.

Em maio de 1918, Joaquim Martins Pereira escreveu à Maria do Carmo sobre a importância da viagem: “A vantagem que eu tenho de ir é a seguinte: o navio não vai brigar porque é Tender, os vencimentos lá valem aqui um conto e tanto [...] aqui receberias papel pelo valor baixo e lá recebo ouro que vale quase três vezes mais” (IHGB, DL01,06). Em 17 de maio, pedia a ela para pensar no futuro dos filhos, inclusive, com senso de humor: “Quando quiseres fazer qualquer objeção lembra-te primeiro dos nossos filhos que é por causa deles, e, tua única e exclusivamente, que vou arriscar semelhante passo. Como eu já conheço, tenho certeza de voltar mais gordo, mais bonito e muito mais alegre” (IHGB, DL 01,17). E terminava suas cartas, declarando seu amor e afeto: “Acho que sendo tão franco como eu estou sendo tu só deves sentir esta saudade própria de teu coração amoroso (...), porque quando penso em ti lembro-me que do presente depende o futuro e convém que agora haja estas separações que serão verdadeiros laços no futuro” (IHGB, DL 01,18).

O primeiro mês a bordo do *Belmonte* foi marcado pelas adaptações e manuten-

ção, armando o navio-tender com canhões e metralhadoras (MAIA, 1961, p. 31). A permanência no Arsenal de Marinha devido aos atrasos aumentava a possibilidade do cancelamento da viagem:

o navio que estou ainda está escangalhado e esta fazendo nova obra para ele ir até a Inglaterra e lá concertar melhor. Agora: para aproveitar a viagem ele vai com carga para os outros navios. Tu bem sabes que eu não ia fazer uma coisa que fosse com toda a segurança. (...) Enfim, eu já ando, bem como todos aqui de bordo com receio de não irmos mais, por que já se fala e muito custo probabilidade; quem sabe se os milhares de santo Antonios que estão amarrados de cabeça para baixo não estão torcendo os pausinhos? (IHGB, DL 01,17)

Na carta de 16 de junho de 1918, Joaquim Martins Pereira narra o cotidiano do navio estacionado no Arsenal do Rio de Janeiro: “O navio anda que é uma casa de diversões. Durante o dia, música. A noite cinema ou dança para os marinheiros. Agora, por exemplo, que estou escrevendo 9 horas da noite os patifes estão dançando por cima do meu camarote [...] está tocando uma valsa linda” (IHGB, DL 01,32). Em 5 de junho de 1918 escrevia novamente para tranquilizar sua família:

O navio não vai a guerra. Vai fazer obra na Inglaterra e aqui a uns 3 meses volta. Peço-te que vejas bem que o único conforto que eu tenho é o consolo das tuas palavras e só serei feliz se de fato também te julgares (...) Deixa que eu sei o que estou fazendo. Não sejas boba sabes que eu dou tudo para estar ao seu lado e quando eu chegar não tenciono sair nunca mais (IHGB DL 01,13).

Finalmente, em 6 de julho de 1918, o *Belmonte* saiu do Rio de Janeiro sob co-

mando do Comandante Benjamin Goulart, para Recife ainda com operários a bordo. Durante o período em que esteve no Recife, enviou o cardápio do navio para: “veres como isto aqui é vou te mandar um ‘menu’ do jantar de ontem que verás que não se passa o banquete, porém, come-se regularmente” (IHGB, DL 01,08). No jantar foi servido: “sopa, purê de batata, galinha, carne seca a Ceará e compota de caju” (IHGB, DL 01,34). Na carta de 22 de julho, escreveu sobre os acontecimentos no navio:

Agora, às 9 horas da noite estive no camarote de um camada com 2 violinos, violão, cavaquinho e muitos rapazes que se encontram no mesmo estado de alegria. Depois houve piano e mais música o que me faz tão aborrecido, coisa muito natural em todos que vivem pensando na casa. (...) Enfim, são 9 horas, vou dormir (IHGB, DL 01,03).

Terminava sua carta com uma reflexão sobre sua decisão e afeto à sua família: “Mas pensando em ti e no futuro do nosso filhinho tudo fica amortecido pra ceder lugar a força das circunstâncias: tracei um rumo e ei de segui-lo a não ser que motivos superiores ao contrário me obriguem” (IHGB, DL 01,03).

O objetivo do tender *Belmonte* era apoio logístico à DNOG, transportando água, carvão e mantimentos. De Pernambuco onde saíram no dia 24 de julho de 1918 ao arquipélago de Fernando de Noronha, no dia 26 de julho, os cruzadores *Bahia* e *Rio Grande do Sul* foram abastecidos (MAIA, 1961, p. 32). Na travessia de Fernando de Noronha à costa africana, o navio sofreu um ataque de torpedos alemães (MAIA, 1961, p. 32). O Almirante Hélio Leôncio Martins informou que no Livro de Quartos do navio *Rio Grande do Norte* assinado pelo 1º Tenente Armando Belford Guimarães há a informação que na

noite de 3 a 4 de agosto o Comando Naval Inglês havia sido assinalado um submarino inimigo, sendo este visto pelos tripulantes do *Rio Grande do Norte*:

Às 20:15 foi avistado um clarão na proa, seguindo de estampido, tratando-se portanto de um disparo de canhão de um dos navios da vanguarda. Após cinco minutos, foi avistada esteira luminosa, assaz larga e perfeitamente retilínea, que partiu de um pouco avante e a [bombordo] do navio, dirigindo-se para a popa do *Belmonte*, da qual passou um pouco afastada. Foi dado sinal de alarme, sendo feito um disparo de canhão sobre a esteira e sobre o vulto visto pelo seu chefe, marinheiro de 2ª classe Elpídio Pinto de Freitas, a pouca distância do navio (MARTINS, 1967, p. 277).

Em 9 de agosto de 1918, Joaquim Martins Pereira escreveu à Maria do Carmo sobre a viagem de Fernando de Noronha à costa africana:

Hoje tivemos a felicidade de depois de tantos dias de viagem entre mar e céu chegar a este porto que é de uma cidade da África pertencente à Inglaterra, porque a África quase todos os países da Europa tem um pedaço de seu território, e este que chegamos hoje é do Inglês. (...) Enfim a 26 chegamos a Fernando (...) Lá passamos 5 dias e no dia 1º deste pela manhã deixamos aquele pedaço de Brasil que parece ter se deslocado para vir consolar nossos corações. Tínhamos deixados o último da terra onde tu e eu nascemos. E assim por isso mares traiçoeiros rolamos nove dias. Foi a maior travessia da viagem, que fazíamos com a maior coluna quando um passante navio de guerra inglês veio ao nosso encontro até chegarmos no porto (IHGB, DL 01,15).

Em seguida, escreveu suas impressões da cidade e um fato curioso:

A cidade é uma belezinha, muito mais importante que Florianópolis. Não sendo porém, calçada, mas é uma segunda Florianópolis ou melhor Santa Catharina; aqueles belos morros verdejantes estão transportados para Free Town. Vou contarte um dos fatos muitíssimo interessante daqui da África. Apareceu uns negros de cerca de anos completamente nus e embarcados em uma daquelas coisas de casco - canoinha (porém aqui são grandes – mais ou menos 5 metros -) estes moleques atirase dinheiro na água e o patife vai buscar a qualquer profundidade. (...). A viagem continua sendo muitíssimo divertida e boa, não havendo razão senão para saudade tão natural (IHGB, DL 01,15).

A Divisão permaneceu em Freetown (Serra Leoa) para manutenção dos navios e abastecimento. Em 23 de agosto de 1918 a Esquadra seguiu para Dakar. Em alto-mar, Joaquim Martins Pereira escreveu à sua mulher: “fazem hoje 4 meses que sai do Rio de Janeiro, quer dizer que pela primeira vez vamos estar mais de 120 dias separados” (IHGB, DL 01,05). Na madrugada de 25 para 26 de agosto o navio *Belmonte* sofreu um novo ataque por um torpedo de submarino alemão:

Os navios deram alarma de submarino à vista e abriram fogo sobre ele, que procurava emergir após haver lançado um torpedo contra o *Belmonte*. As guarnições viveram instantes de angustiosa expectativa, aguardando quase sem respirar o impacto do torpedo, claramente observada. Os navios, navegando em zigue-zague, atiravam sobre o submarino e sobre a rota do torpedo (GAMA, 1982, p. 152).

Em 26 de agosto, a Divisão atracou no porto de Dakar: “estamos no porto de

Dakar que também é África, porém mais perto da Europa: chegamos ontem. (...) estou como sempre muito bem e com muita esperança de breve estar ao teu lado (...) cobrindo-te de mil beijos” (IHGB, DL 01,05). Depois de passar pelas ameaças na travessia, no dia 27 de agosto, Joaquim Martins Pereira relatou a segurança da viagem: “É uma viagem de recreio. Tenho sabido que não há mais submarinos e os que estão ainda por ai estão perdidos. A guerra está quase terminada e a nossa vitória, isto é, dos aliados é certa, não haverá nada que possa salvar a Alemanha da sua eterna desapareição” (IHGB, DL 01,17).

No meio do caminho, algo modificou o pensamento de Joaquim Martins Pereira que tentou voltar para casa a bordo do rebocador *Laurindo Pitta*. Escreveu à sua mulher em 28 de agosto: “anda agora uma voz que vai voltar o Laurindo que é um grande rebocador e se não houver quem queira voltar eu me ofereço. Porém, isto será um mau ato, mas em todo caso vou deixar a natureza agir” (IHGB, DL 01,17). No dia seguinte, desabafava:

Esta história do Laurindo eu estou fazendo das tripas coração, porque ao tempo que eu quero correr e chegar junto de ti e em esquecer por muitas horas que o mundo existe – eu lembro que também preciso passar mais um tempo por esta terra que me dão alguma coisa com que eu posso depois transformar em teu bem estar e dos nossos filhinhos, coisa única de minha existência (IHGB, DL 01,17).

No entanto, não conseguiu retornar, informando no dia 31 de agosto: “aqui em Dakar vamos demorar muito, talvez um mês” (IHGB, DL 01,17). Essa foi a última carta e a última frase recebida por Maria do Carmo Pastori enviada por Joaquim Martins Pereira.

Ao final de agosto, ainda em Freetown, o contingente brasileiro foi infectado pela epidemia de influenza, também chamada de gripe espanhola<sup>10</sup> que atingiu aos navios da DNOG, transmitida pelo cargueiro inglês *Mantua*. Após a chegada a Dakar, a epidemia alastrou pelos navios. O Capitão-Tenente Orlando Marcondes Machado, imediato do *Rio Grande do Sul* narrou o episódio no artigo *Nossa Hecatombe em Dakar* (1921):

Cerca de três ou quatro dias depois de declarada a moléstia, vinha a tosse, vinha a expectoração sanguínea, vinha a congestão pulmonar. (...) Um havia que queria tossir, mas, em vez de tossir, soluçava. (...) aqueles que ofegavam, que se debatiam, em dolorosa dispneia, eram os mais necessitados de socorro. (...) os primeiros mortos foram enterrados em caixões; os outros, apenas atados em pedaços de tábuas. Alguns tiveram suas pálpebras cerradas essa derradeira piedade – não houve tempo para a prodigalizar (MACHADO in MARTINS, 1967, pp. 267-271).

Durante a 1ª Guerra Mundial, o ambiente do teatro de operações caracterizado pelas trincheiras, aglomeração de combatentes, os navios transportes situados em locais insalubres, sem saneamento, alimentação saudável e água potável, altas temperaturas e ausência de eficiente socorro médico, corroborou para alarmante difusão do vírus. Entre os dias 10 a 16 de setembro a mortalidade foi exponencial, sobretudo, entre os militares encarregados da guarnição das caldeiras e transporte de carvão, os foguistas, marheiros de convés, maquinistas (10% dos maquinistas da Divisão foram vítimas), médicos e demais oficiais. A epidemia de gripe espanhola provocou, entre 1918 e 1919, 20 a 50 milhões de mortes. O contin-

gente brasileiro a bordo da DNOG atingiu a maior taxa de mortalidade ocorrida nos navios de guerra, totalizando, aproximadamente, 10%. As vítimas foram enterradas em Dakar (ALONSO; SCHUCK-PAIM; SHANKS; ALMEIDA, 2013, p. 12).

O 2º Tenente Joaquim Martins Pereira faleceu no dia 13 de setembro de 1918 (ARQUIVO DA MARINHA, 085. 01).

No Brasil, a tragédia das mortes na Divisão Naval em Operação de Guerra repercutiu nos principais jornais da época. A edição de 23 de setembro de 1918 do *Gazeta de Notícias* apresentava como principal manchete: “A epidemia na esquadra em operações de guerra. As vítimas da ‘influeza hespanhola’. As tristes notícias que chegam”. Havia, inclusive, uma nota sobre o falecimento de Joaquim Martins Pereira, informando que “foi no quadro do pessoal maquinista e foguista onde essa grave doença encontrou campo mais acessível para sua propagação, tendo feito então o maior número de vítimas” (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1918, p. 1). Na mesma data o *Correio da Manhã* apresentava Joaquim Martins Pereira como um dos “55 óbitos registrados até 18 do corrente” pelo Almirante Alexandrino (CORREIO DA MANHÃ, 1918, p. 1).

No mês seguinte, os jornais *A Razão* e *Jornal do Brasil* na edição de 3 de outubro de 1918, nas matérias sobre a epidemia de gripe espanhola traziam a seguinte nota:

CONDOLÊNCIAS DO SR. ALMIRANTE ALEXANDRINO PORTO ALEGRE 2 (A.) – O almirante Alexandrino de Alencar, Ministro da Marinha, enviou à d. Maria Pastori Pereira viúva do sub-oficial Martins Pereira, falecido em Dakar, o seguinte telegrama: “Com pesar confirmo morte vosso esposo maquinista Joaquim Martins Pereira, dando exemplo, trabalho, cumprimento

e dever. Queira aceitar minhas condolências” (JORNAL DO BRASIL, 1918, p. 8).

A transcrição do telegrama publicado nos jornais do Rio de Janeiro recebido por Maria do Carmo Pastori Pereira representava a mensagem de condolências a todas as famílias afetadas pela perda do seu familiar, vítima da epidemia, demonstrando como a guerra transforma a sociedade. A família de Joaquim Martins Pereira perdeu um irmão, um marido e um pai, inclusive, a Marinha do Brasil obteve uma baixa no quadro dos seus militares, em especial, um maquinista que pretendia desenvolver tecnologia a serviço da instituição.

Na costa da África, a partir de novembro, após as substituições do contingente e a manutenção nos navios, a DNOG prosseguiu sua viagem para Gibraltar. O tender *Belmonte* seguiu para a França com um carregamento de trigo junto com o *Bahia* e o *Rio Grande do Norte*. No dia 11 de novembro de 1918 foi decretado o armistício na Europa<sup>11</sup>.

Além dos impactos políticos, econômicos, sociais e ideológicos. Até 1914, a humanidade não havia presenciado tamanha atrocidade. Com o advento da tecnologia no âmbito militar, a metralhadora, o avião, os bombardeios, as trincheiras promoveram uma hecatombe. A guerra mostrou a capacidade do homem em promover a barbárie. Além das transformações políticas e econômicas, como a reestruturação política na Europa com a queda do Império Austro-Húngaro, a Revolução Russa (1917), a ascensão dos Estados Unidos como potência mundial, crise econômica, a Grande Guerra obteve impactos sociais. Ao final da 1ª Guerra Mundial foram 10 milhões de mortos e mais de 30 milhões de feridos entre civis e militares (RODRIGUES, 2012, p. 110).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A nova história militar almeja analisar a guerra como um fenômeno social e um agente transformador da sociedade. O objetivo foi apresentar a partir da trajetória do suboficial maquinista Joaquim Martins Pereira a bordo do tender *Belmonte* na Divisão Naval em Operações de Guerra (DNOG), o impacto da guerra sobre a sociedade. A análise documental sobre a correspondência enviada a sua cônjuge Maria do Carmo Pastori Pereira permitiu observar a sua experiência individual com a guerra, sobretudo, acerca do cotidiano da participação da Marinha do Brasil na 1ª Guerra Mundial.

A 1ª Guerra Mundial foi uma ruptura na história da humanidade. Além dos impactos políticos, econômicos, sociais e ideológicos, a morte de 10 a 50 milhões de pessoas, incluindo, militares e civis de forma direta e indireta, no campo de batalha ou vítimas da fome e epidemias, e das transformações no nível familiar desses indivíduos, a guerra também afetou a pirâmide demográfica, o mercado de trabalho, os postos militares. A morte de Joaquim Martins Pereira, em Dakar, vítima da epidemia de gripe espanhola, chama atenção para esse impacto.

Esse desfecho implicou na separação entre marido e mulher, entre pai e filho e uma perda também para a pátria que perdeu um brasileiro que almejava contribuir para inovação tecnológica da indústria naval. Joaquim Martins Pereira entrou para a estatística dos mortos no conflito. No entanto, ao investigarmos suas cartas, seus vestígios e indícios, foi possível retratá-lo como sujeito histórico, agente da guerra e ao mesmo tempo vítima. Um marinheiro que se aventurou no mar, em busca de melhorias de vida, sofreu com o impacto do conflito e encontrou na terra seu repouso, suas forças defensivas. É preciso

lembrar-se dos horrores da guerra para, inclusive, combatê-la. Na obra literária ‘Nada de novo no front’ (1929) Eric M. Remarque relatou os horrores da Primeira Guerra Mundial, afirmando: “Para nenhum homem a terra é tão importante quanto para um soldado. Nela ele abafa o seu pavor e grita no seu silêncio e na sua segurança; ela o acolhe e o libera para mais dez segundos de corrida ou de vida; e volta a abrigá-lo; às vezes, para sempre” (REMARQUE, 2018, p. 44).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### FONTES PRIMÁRIAS

#### INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO (IHGB)

Coleção Martins Pereira: Correspondências de Joaquim Martins Pereira à Maria do Carmo Pastori Pereira (1910). IHGB. DL 01,48; DL 01,39; DL 01,46; DL 01,07; DL 01,05; DL 01,15; DL 01,08; DL 01,34; DL 01,03; 01,17; DL 01,26.

#### ARQUIVO DA MARINHA (DPHDM)

Ofício do Almirante Pedro de Frontin ao Estado Maior da Armada informando a relação de óbitos da DNOG, vítimas da gripe espanhola. Arquivo da Marinha. 085.01.

Livro do navio Cruzador-Auxiliar *Belmonte*. Arquivo da Marinha, nº 82.

### JORNAIS IMPRESSOS

A epidemia na esquadra em operações de guerra. As vítimas da ‘influeza hespanhola’. As tristes notícias que chegam. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 23 de set. de 1918, p. 1.

Influenza Hespanhola na Divisão Naval Brasileira em Operações de Guerra. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 23 de set. de 1918, p. 1.

A peste no Rio e nos Estados. *A Razão*. Rio de Janeiro, 3 de out. de 1918, p. 1.

A missão médica e a divisão naval na Europa. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 3 de out. de 1918, p. 8

### LIVROS

ALMEIDA, Francisco Alves de. A Grande Guerra e o Atlântico. In: ALMEIDA, Francisco Alves de; LEÃO, Karl Schurster de Sousa. SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. *Atlântico: A história de um oceano*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

ALONSO, Wladimir J; SCHUCK-PAIM, Cynthia. SHANKS, Dennis G; ALMEIDA, Francisco Eduardo Alves de. A alta mortalidade da pandemia espanhola na divisão naval em operações de guerra em 1918. In: *Navigator*. Rio de Janeiro: DPHDM, v.9, nº 17, 2013.

BLOCH, Marc. *Apologia da história*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BONANATE, Luigi. *A Guerra*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

BOUTHOU, Gaston. *Tratado de Polemologia: Sociología de las guerras*. Madrid: Ediciones Ejército, 1984.

CAMINHA, Herick Marques. *Organização e Administração do Ministério da Marinha na República*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1989.

CORVISIER, André. *A Guerra: ensaios históricos*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1999.

GAMA, Arthur Oscar Saldanha da. *A Marinha do Brasil na Primeira Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Capemi Editora, 1982.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas e Sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

HOBSBAWN, Eric J. *A Era dos Impérios 1895-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

KEEGAN, John. *História Ilustrada da Primeira Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

LOUREIRO, Marcello José Gomes. O binômio “guerra” e “sociedade” e a produção da História Militar recente. In: *Ideias em destaque*. Rio de Janeiro: Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica, nº 33, maio/ago, 2010.

MAIA, Prado. *Divisão Naval em Operações de Guerra 1914-1918. Uma página esquecida da história da Marinha brasileira*. Rio de Janeiro: SDM, 1961.

MARTINS, Hélio Leôncio. Participação da Marinha Brasileira na Primeira Grande Guerra. In: SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO DA MARINHA. *História Naval Brasileira*. Rio de Janeiro: SDM, 1997, v. 5, tomo I B.

PARENTE, Paulo André Leira. A construção de uma nova história militar. In: *Revista Militar Brasileira*. Rio de Janeiro: ano 1, dez. 2009.

REMARQUE, Eric M. *Nada de novo no front*. Porto Alegre: L&PM, 2018.

RODRIGUES, Cláudio Marin. A Grande Guerra: Lições ainda a aprender. In: *Revista da Escola de Guerra Naval*. Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, jul/ dez 2012.

SCHMITT, Bernadotte E.; VEDELER, Harold C. *The rise of modern Europe: the world in the crucible (1914- 1919)*. Nova York: Harper Torchbooks, 1988.

SOARES, Luiz Carlos Sores; VAINFAS, Ronaldo. Nova História Militar. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier/ Campus, 2012.

## NOTAS

<sup>i</sup> Esse trabalho é dedicado à Professora Regina Maria Martins Pereira Wanderley, agradeço por me confiar as cartas do seu avô e por todo apoio me concedido ao longo da minha carreira acadêmica.

<sup>1</sup> Estudo objetivo sobre as guerras como fenômeno social suscetível à observação.

<sup>2</sup> Para realização de uma análise sobre as transformações sociais de uma guerra é necessário considerar alguns aspectos desse fenômeno, tais como: caráter endêmico ou isolado, extensão, intensidade, duração, número de contingente, ações diretas ou indiretas sobre os homens e estruturas sociais a fim de evitar generalizações (CORVISIER, 1999, p. 234).

<sup>3</sup> Entre 1870 a 1914, a Europa sofreu transformações políticas. A Grã-Bretanha e a França sofreram a queda da sua produção industrial e comércio exterior, enquanto a Alemanha, após seu processo de unificação (1871), promoveu seu desenvolvimento industrial através da educação básica e Revolução Industrial, alcançando liderança internacional. A partir de 1890, os Estados Unidos da América e o Japão buscavam aumentar seu poder nas relações internacionais. Em contrapartida, o Império Russo e o Império Austro-Húngaro estavam em decadência, enfrentando problemas políticos e sociais internos (RODRIGUES, 2012, p. 107).

<sup>4</sup> Para mais detalhes sobre as causas da 1ª Guerra Mundial, ver: KEEGAN, John. *História Ilustrada da Primeira Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004; SCHMITT, Bernadotte E.; VEDELER, Harold C. *The rise of modern Europe: the world in the crucible (1914- 1919)*. Nova York: Harper Torchbooks, 1988.

<sup>5</sup> A Alemanha utilizava como estratégia naval o uso da esquadra em potência e a guerra do desgaste no mar do Norte até 1916.

<sup>6</sup> Sobre as causas da participação brasileira na 1ª G. M, ver: MARTINS, Hélio Leôncio. Participação da Marinha Brasileira na Primeira Grande Guerra. In: SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO DA MARINHA. *História Naval Brasileira*. Rio de Janeiro: SDM, 1997, v. 5, tomo I B.

<sup>7</sup> O Decreto nº 810, de 18 de dezembro de 1901, reorganizou o quadro de oficiais do Corpo de Maquinistas Navais, estabelecendo 90 subajudantes-maquinistas (sargento-ajudante). Ver: CAMINHA, Herick Marques. *Organização e Administração do Ministério da Marinha na República*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1989, pp. 123-124.

<sup>8</sup> Saldanha da Gama explicou as queixas do Almirante Frontin para conseguir preparar a Divisão: “queixou-se da má execução dos reparos executados pelo Arsenal de Marinha, especialmente da Diretoria de Máquinas” (GAMA, 1982, p. 41).

<sup>9</sup> O navio alemão *Valesa* foi construído, em 1912, no estaleiro Neptun na Alemanha, incorporado ao Lloyd Brasileiro com o nome de *Palmares* e ingressou a Esquadra em 8 de fevereiro de 1917 com o nome de Cruzador-auxiliar *Belmonte*. Ver: Livro do navio do cruzador-auxiliar *Belmonte*. Arquivo da Marinha, nº 82, cap. 1, fl. 1.

<sup>10</sup> “A influenza é uma doença altamente contagiosa, viral típica transmitida por meio de aerossóis produzidos por pessoas infectadas durante o processo de tosse ou espirro ou por contato direto com secreções nasais ou superfícies contaminadas com o vírus transmissor”. Ver: ALONSO, Wladimir J; SCHUCK-PAIM, Cynthia. SHANKS, Dennis G; ALMEIDA, Francisco Eduardo Alves de. A alta mortalidade da pandemia espanhola na divisão naval em operações de guerra em 1918. In: *Navigator*. Rio de Janeiro: DPHDM, v.9, nº 17, 2013, p. 12.

<sup>11</sup> A DNOG foi convidada para participar dos festejos promovidos na Europa, regressando no ano seguinte ao Brasil.

